

Estertor dos Critérios

O Mistério do Mundo

Desde o Renascimento que o homem europeu se debate com o sortilégio do Belo, na arte, na Filosofia. Foi o feio, funesto na maior parte dos casos, que trouxe a descoberta de um filão científico e especulativo que normalmente também incluía a moral, na maior parte dos escritos filosóficos posteriores, mas antes disso podemos ver indícios dessa aproximação, sobretudo na cultura grega. A minha paixão pela história grega levou-me, anos depois, à antropologia e, se não académico, sou pelo menos um divulgador desta ciência, online, na rua, por mais estranho que possa parecer, digamos que é um pouco como “dar o ouro ao bandido” e “atirar pérolas a porcos”, como me dizia João Pimpão nos tempos da escrita regional, local.

Assim, a mente humana, pelo menos a europeia, parece estar construída mais do que isso, fundada, sobre o binómio de Bem e Mal. Também a sociedade, que corresponde, segundo Hobsbawm, está assente nessa dualidade e isto por via da religião. Ou seja, a sociedade, a pessoa, são belos ou feios, ou seja, num mundo em que todos querem parecer bonitos, sendo a beleza causa de poder simbólico ou mais do que isso, e ali se inclui ou exclui. Portanto, os padrões de beleza estão relacionados, digamos, com uma certa ideia de status. Podemos ver isso no texto “Beleza”, de Roger Scruton. Já Platão falava do “Belo” e espraiava a sua prosa a propósito do assunto, nos seus Diálogos. Mas, podemos perguntar-nos, como persistiu uma certa ideia do Belo ao longo dos séculos e, por outro lado, uma certa ideia do que é feio e que deve, em termos classificatórios, retirados da atenção, do *spotlight*, da sociedade, ou seja, discriminado? Porque o feérico só existe porque existe o Belo, não existe o Belo em si, mas em relação a qualquer coisa, nem que se a representação incómoda que temo de uma certa ideia do que pode ser ou não ser aceite, em termos sociais. Daí a despersonalização do saber, ou seja, o

sábio não precisa de ser Belo, mas é-o, no entanto, nas mais variadas circunstâncias da sua biografia. Portanto, o Belo pode não ser apenas uma imagem, um rosto de mulher, mas pode ser também, na sociedade capitalista ou fora dela, uma forma, um estilo de viver com que o criminoso se vinga do mundo, por não ter sido objecto de carinho em criança ou coisa do género...

Portanto, há uma certa noção estilística no modo de viver o capitalismo, ou seja, daí o investimento na imagem e na saturação dela mesma por Hollywood, o que já não acontece tanto na Europa, onde a cultura é mais próxima de espectáculos artísticos totais, como a ópera. Onde há história há um diferente investimento no audiovisual, na arte, na cultura.

Mas, não apenas do ponto de vista moral, o Mal pode ser Belo? Não é o belo aquele que se esconde para não ser danificado, para persistir no tempo e dar testemunho a almas sombrias da sua existência. Não são os poemas mais tristes os mais belos, desde A Ilíada, passando pela Divina Comédia e chegando à poesia portuguesa dos anos 80-90, como Al Berto ou Joaquim Pessoa?

Estamos, portanto, diante daquilo que se pode chamar de “civilização da imagem”, ou seja, antes de mais como descoberta e depois como prova. A palavra perdeu o seu poder, é dito que a Justiça é cega, mas eu acho que não, que a justiça não pode ser cega, isso é fundamentalismo de uma sociedade judiciária, seca, cada caso é um caso.

Então porquê tanto mistério? René Girard ajuda-nos a este respeito, pode ler-se em *A Voz Desconhecida do Real*. Os ritos e mitos antigos repetem-se e a importância da obra de um Claude Lévi-Strauss permanece... Por isso, apesar de tudo, da tubagem teoria do século passado, precisamos de, para entender este mistério, recorrer ao clássicos, estudá-los, divulgá-los. Porque sim, andamos todos um pouco desconfiados uns dos outros e só queremos seguir a nossa vida, a vidinha, em paz e sem grande preconceitos, fazendo o mal ou o bem, porque, na verdade, o que é mau e bom e relativo, pelo menos do ponto de vista filosófico, antropológico, legal, para não falar da montanha de teoria

sociológica já produzia a esse respeito, num campo que é forte na filosofia, como não o é da antropologia. Estará a antropologia, por “defender” os mais pobres e os mais fracos, do lado do Mal? E porque odeia tanto a Igreja o Diabo, quando há religiões sincréticas. Eis a nossa necessidade constante, diária, de purificação, como se isso fosse punição. Castigamos o corpo, porque em verdade nunca nos desviámos claramente da figura do Bode Expiatório, no fundo talvez sejamos mais primitivos do que propriamente robôs...

Victor Mota